

Tribuna Livre

24
FEVEREIRO
1973

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

Sede e Administração
Comp. Impressão e Redacção

LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR - TELEF. 62113 - AMARES

Marcello Caetano e a Portugalidade Feira Franca e

Concurso Pecuário

A Nação Portuguesa, sempre firme, sempre disposta a cumprir o sentido da «mensagem» de que foi incumbida logo nos alvares da nacionalidade, está a viver horas de febril actividade em todos os sectores da vida pública e da vida privada. Desde que o Sr. Professor Marcelo Caetano tomou conta dos altos destinos da Pátria, um novo e intenso sopro de vida perpassou por cada uma das parcelas do território nacional. Não será exagero, se dissermos que estamos a assistir a uma nova e prodigiosa era de juvenil portugalidade. A «hora de acção», tão solenemente proclamada pelo Sr. Presidente do Conselho, está a produzir realidades muito superiores a tudo quanto poderiam supor as mais requintadas imaginações.

A obra é gigantesca, mas temos força e coragem para a efectivar. Uma só coisa temos de evitar a todo o custo. É preciso que o inimigo não nos divida; é preciso evitar todas as manobras de tipo subversivo que se destinem a aminorar ou a amesquinhar o princípio da autoridade.

Uma nação sem autoridade é o mesmo que um corpo sem cabeça. Eis a ideia básica que o Sr. Prof. Doutor Marcelo Caetano quis acentuar nas memorandas palavras dirigidas aos delegados do Instituto Nacional de Trabalho e Previdência. Atentemos e meditemos bem: Não é na indisciplina, na incompreensão, na anarquia, na revolta e no ódio que se encontrará o remédio para as injustiças sociais».

Estas palavras são profundamente significativas, pois mostram-nos a necessidade premente de estarmos alerta contra todos os pregadores vestidos com pele de cordeiro. Temos que estar mais unidos que nunca; temos de impedir que a prodigiosa obra em curso venha a ser conspurcada por indivíduos seguidores de ideias inconscientes. A palavra de ordem do Sr. Presidente do Conselho é altamente significativa. Temos de continuar, sempre em frente, «sem paragens nem tergiversações», porque, no dizer do Chefe do Governo, «haja o que

houver, há-de continuar a erguer-se a obra de apoio, dignificação e promoção da gente de trabalho, dentro de um clima de paz e de entendimento de classes».

É assim que podemos e devemos agir; é assim que conseguiremos realizar toda a ingente obra de valorização nacional. Se continuarmos unidos, nada terá poder para nos desviar do rumo gloriosamente encetado, tenazmente prosseguido. Como portugueses que somos, sabemos bem o caminho que devemos seguir, pois esse caminho foi iluminado, com luz mais que meridiana, pelo Sr. Presidente do Conselho. Agora só nos resta seguir, de alma e coração, a sua palavra de ordem.

É, por todos estes motivos, que o Povo Português tem plena confiança em quem assim o dirige, em quem lhe assinala o caminho da honra e da dignificação nacional. Tudo está preparado para a obtenção duma autêntica paz social, mas não podemos permitir que hajam desvios, pois estes seriam perigosos

Obras na Igreja Matriz

Na Caixa de Crédito Agrícola e a pedido do pároco Sr. Padre Albino Alves reuniram-se as pessoas mais gradas desta freguesia a fim de resolver sobre as obras a fazer na nossa Igreja Matriz, um templo magnificamente situado e que está a precisar de ser beneficiado.

Foi divulgado o projecto mandado fazer por conceituado técnico que prevê duas sugestões para o caso. Sobre o mesmo foram trocadas impressões oportunas e proveitosas e resolvido constituir uma Comissão que dará os passos requerentes para que tudo se concretize.

Trata-se de uma iniciativa da maior relevância e necessidade e que certamente despertará a unânime aquiescência dos paroquianos desta freguesia da sede da Vila.

Ex-libris da vila o formoso templo bem precisa e merece que à sua importante posição se empreste o enriquecimento necessário a ser o nosso orgulho.

e talvez viessem a ser mesmo catastróficos. De resto, este assunto ficou claramente esclarecido com as seguintes palavras do Prof. Marcelo Caetano: «Nós, como foi dito, não nos limitamos a confiar na reforma social para conseguir a melhoria da condição humana: sabemos que, se mudarmos as circunstâncias, deixando o homem entregue cada vez mais aos seus instintos e às suas paixões, a sociedade não pode ser mais justa. o mundo prometido não será melhor. Abandonar a formação moral dos indivíduos para enveredar pela ilusão revolucionária, é uma traição a Deus e aos homens.

Sabemos bem o que queremos, assim como está perfeitamente delimitado o caminho que devemos seguir. Seríamos traidores à Pátria, seríamos traidores aos nossos antepassados, seríamos traidores a nós mesmos, se não seguissemos o rumo de plena segurança que nos foi vincado, tão solenemente, pelo Prof. Marcelo Caetano. Nada terá poder para nos desviar da rota, porque nada terá poder para desmoronar o gigantesco edifício da autêntica portugalidade, cujos alicerces se encontram bem fundados em todas as partes do mundo, em que temos filhos de Portugal, em que temos províncias ultramarinas.

Estamos em plena e gloriosa marcha de engrandecimento nacional, estamos em momentos de magestosa euforia pátria. Tudo isto deve servir para nos incentivar a cerrar fileiras em volta dos homens que a Providência colocou à frente dos altos destinos da portugalidade. A gente do trabalho está de parabéns; a gente de trabalho pode contar, incondicionalmente, com o Sr. Dr. Marcello Caetano. Não findaremos, sem registar aqui as suas ponderadas palavras sobre assunto de tamanha importância: «Prosseguiremos no caminho há muito traçado. Mesmo que tenhamos de afastar resistências. Mesmo que seja forçoso lutar para avançar. Mesmo que hajamos de sofrer incompreensões e ingratidões. Não

Feira Franca e

É amanhã que se realiza a tradicional Feira Franca e Concurso Pecuário em Amares, certame agrícola que sempre chama ao Largo D. Gualdim Pais uma multidão ávida de ver os melhores exemplares de gado.

Mas para além disso a Feira Franca apresenta-se, ainda, como uma autêntica festa regional com todas as características tanto de agrado das nossas gentes.

Teremos este ano mais e mais valiosos prémios e todos os motivos que nos anos anteriores têm chamado ao Largo da sua realização gente de todas as condições sociais.

A organização do Concurso Pecuário é do Grémio da Lavoura e tem o patrocínio da Câmara Municipal, da Federação dos Grémios da La-

voura, da Junta Distrital, etc. cabendo-lhe a missão de chamar os nossos lavradores a uma reunião pública de interesse para todos, em que cada um pode aprender algo com o que vê.

Um júri qualificado procederá à atribuição dos prémios que serão entregues logo após a classificação.

Também as chamadeiras terão os seus prémios o que sempre causa interesse por uma apresentação gentil.

5.ª COLUNA

O Leitor é muito capaz de dizer que sou avesso à Televisão por ser jornalista. Olhe que não! Entendo que a TV. é um meio de cultura avançada em relação à Literatura, se quiser fazer do seu meio um veículo cultural a sério. E no mundo ainda há quem o tenta e faça. Mas é raro. Chego a esta conclusão muito minha, claro, por ter apreendido várias críticas humorísticas de variadas nacionalidades, demonstrando a ineficácia da sua (deles) Televisão. Portanto haver de se deduzir não estar a TV. em função do que lhe compete.

Cá «em casa», então, a coisa tresanda a prazer de fazer mal aquilo que podia ser bom e estragar o que de bom pode existir.

Há várias entrevistas televisivas que sempre trazem — felizmente mais das vezes — semente cultural compensadora para monda intelectual, mesmo passageira. Mas o repórter, ávido de colher elementos para o público espectador, não os procura para esse público. Procura-os para ele. E há que corrigir tais repórteres televisivos. Basta eles não esquecerem o seu ofício e em vez de perguntarem na 1.ª pessoa, colocarem a pergunta na 3.ª, isto é: «O sr. dr. pode dizer-me o que se passa?»

Não! Bem perguntado seria: «O sr. dr. pode dizer-nos o que se passa?» — a nós to-

Terras de Bouro

Novo Ajudante do Cartório Notarial e Conservatória do Registo Civil de Terras de Bouro

Pelo sr. Conservador-Notário do visinho concelho de Terras de Bouro, Dr. Francisco de Assis Alves de Campos, foi conferida posse ao novo ajudante do Cartório Notarial o Conservatória do Registo Civil, Sr. Evaristo Teixeira de Oliveira, que teve lugar no pretérito dia 17 do corrente com grande afluência de funcionários e de outras pessoas amigas do empossado.

O senhor Evaristo, que todos bem conhecemos pelas suas qualidades de boa camaradagem e funcionário distinto, vinha exercendo, há anos, o lugar de escriturário-dactilógrafo da mesma repartição, pelo que a sua nomeação para o lugar que agora vai exercer foi, não só justa, mas, também, do agrado geral da população da-quele concelho.

«Tribuna Livre» felicita, pois, o sr. Evaristo e deseja-lhe as maiores facilidades dentro da sua nova função.

«UM GRANDE ASSASSINO»!

Temos, pois, que o ruído está no número dos factores mais perniciosos para a «vida física e mental das populações» das cidades modernas e em crescimento. Entre nós, encetou-se uma companhia junto da opinião colectiva, tendente a fazer entender a toda a gente que deve encarar o ruído como «inimigo perigosíssimo». O combate a esse adversário exige a mobilização de tudo e de todos, na vida publica e privada. As estatísticas internacionais sobre as consequências do ruído nos abalos psíquicos (e até no agravamento de certas doenças nervosas e outras) é simplesmente aterrador! «Sem se dar por isso — diz um perito da Organização Mundial de Saúde — a personalidade dos indivíduos altera-se, transfigura-se, e os comportamentos modificam-se por vezes radicalmente. Um homem de índole calma torna-se irascível, um pacífico converte-se em agressivo, anti-social, um sujeito dotado de qualidades de auto-domínio surge-nos, quase d repente, transformado em energumeno, até na intimidade e mesmo no exercício de funções de responsabilidade. E, nas massas, a projecção é desastrosa! O mais elementar dos espiritos cívicos é atingido adulterado, agredido a tal ponto que dá lugar a uma irritabilidade colectiva, a um mau estar confuso mas propenso a «explosões» por qualquer pretexto, mesmo insignificante. Depois, em cada criatura, isto ocasiona afecções multiplas, cerebrais inclusivé, quando não conduz a doenças em órgãos vitas. O ruído aparece-nos como um «grande assassino» de de corpos e de espiritos! E talvez ele esteja na base do surto da criminalidade que se nota no mundo, entre outras motivações patológicas algumas de carácter hereditário e outras produzidas por factores de carácter social ou assim consideradas»

Este o retrato sem retoque do tal «grande assassino» que é o ruído, nas cidades modernas ou em crescimento. Cada buzina, cada escape livre de moto ou de automóvel ou das temíveis motorizadas cada pitadela estridente, cada algazarra (em lugar de conversa em tom ade-

quado), cada grito despropositado, cada alarido desrazoável, são aliados directos desse «assassino». E quem os produzir ou provocar torna-se cúmplice do «assassino», por consequência.

Em todo o mundo civilizado está lançada a companhia defensiva, incluindo uma acção contra os sons de transistores ou de receptores para alén de tonalidade aceitável, e os altifalantes que percorrem as ruas berrando reclamos e atordoando as gentes.

De noite, quem produzir ruídos é possível de punições rigorosas, não remíveis na maior parte dos casos.

Trata-se de legítima defesa.

E mais vale prevenir do que remediar!

Leia

Propague e assine

«Tribuna Livre»

**Telefone dos Serviços dos
Bombeiros V. Amares 62162**

NOVO TELEFONE

Já há tempos o nosso jornal fez eco de que os habitantes da Feira Nova não tinham Telefone Posto Público. Tinham e têm. Mas não tinham e não têm. O motivo, que já explicamos, é o facto de ele estar instalado numa Casa comercial sujeita a horários que para o referido Posto Público não interessa a ninguém.

Surgiu, e agora sim, um telefone que sendo particular está instalado numa casa de que todos vão beneficiar pelo horário que a mesma tem. Graças ao João XXIII da Petisqueira, agora já temos telefone das 7 da manhã às 24 horas o que causou certo rigosijo entre feiranovenses e o pessoal da V. A. M. que aqui têm paragem e que estavam sujeitos, por motivos vários, a certas arrelias, o que doravante não acontecerá com a instalação do referido telefone.

Parabéns ao João XXIII pelo melhoramento no seu estabelecimento que muito nos veio beneficiar.

ANIVERSÁRIO

No próximo dia 27 festeja mais um aniversário o jovem Alvaro Lata de Azevedo e Sousa, natural da freguesia de Goães, filho do nosso assinante sr. Dionísio José de Azevedo e Sousa e sua esposa Patrocínia Pereira Lata. Seus familiares desejam-lhe muitas felicidades.

Parabéns

AS DUAS ÓRFÃS

(Continuado do número anterior)

—Espera por essa... Vais já para o meio da rua, meu menino!

—Faça favor de me largar! Se subi, foi porque o senhor D. Gonçalo me chamou—explicou o «Pardal», com toda a desenvoltura. Esta resposta do esperto rapaz, fizera tal impressão ao porteiro, que soltou logo o inteligente «Pardal», bradando:

—Ah! D. Gonçalo chamou-te?... Isso agora já é outro cantar! Nesse caso, tens o caminho livre.

—E por onde?...

—Por esse corredor em frente. Aquela porta é dos seus aposentos.

—Obrigado.

O «Pardal», muito senhor de si, seguiu pelo correper, onde se mantinha a mesma sumptuosidade que já admirava na escada. A certa altura, voltou a cabeça.

O porteiro ia retirar-se.

O rapaz sentia-se satisfeito por ter burlado o porteiro. Logo que se encontrou defronte da porta que dava ingresso aos aposentos de D. Gonçalo, disse consigo:

«—Agora é que vão ser elas... Mas, a mim não me roubam elas a Carmencita!»

Decidido a tudo, bateu à porta com os nós dos dedos.

O MORDOMO

A ingénua Carmencita assim que apanhou o «Pardal» entretido a engraxar os sapatos do bêbedo teimoso, entrou no palácio do duque, como sabemos, absolutamente convencida de que ia realizar uma obra caritativa devolvendo a sua mãe o filho que lhe tinham roubado.

Disse então ao porteiro das suíças:

—Faz-me o favor de dizer à senhora duquesita de los Breños que está aqui a Carmencita? A senhora já me conhece. Diga-lhe que é a aprendiz da oficina onde lhe fizeram o enxoval.

—Espere um bocadinho.

O porteiro foi falar para cima, numa cabine telefónica que ali

havia, e, em resultado da conversação, mandou entrar a ingénua repariga com a criança ao colo. O outro servo acompanhou-a ao primeiro andar, deixando-a numa pequena sala, cuja riqueza, arte e bom gosto, deslumbraram a pobre Carmencita, que nunca vira coisas tão belas, se bem que já tivesse visto outras salas do velho palácio.

Satisfeita com a boa acção que ia praticar, embalava o petiz ao colo, passeando para trás e para diante, dizendo-lhe:

—Que alegria vai ter a tua mãezinha, meu bregeiro!... E que rica que é esta casa!... E queriam roubar-te todas estas riquezas, querido! Olha que se não fosse eu, tu que nasceste entre tufos de renda, terias morrido na rua, de fome e frio!

O pequerrucho, como se compreendesse a arenga da ingénua Carmencita, tinha um sorriso a brincar-lhe na boca.

E a repariga, muito alegre por vê-lo sorrir, continuou a falar-lhe:

—Agora, a tua mãe devia ser generosa comigo e oferecer-me o lugar de tua ama seca, para não me separar de ti!

Neste momento, quando Carmencita esperava ver aparecer a duquesita, abria-se uma porta, e surgiu um homem vestido de preto.

Devia ter os seus sessenta anos, era baixo, de ombros largos, com uma cabeça garpe, desproporcionado, pernas curtas, braços excessivamente compridos, rematados por duas enormes mãos.

Mas, apesar da sua figura grotesca, quase ridícula, o seu aspecto tinha qualquer coisa de grave e imponente. Talvez essa gravidade se devesse ao seu olhar penetrante, expressivo, embora os seus olhos fossem pequenos.

Esse homem era D. Gonçalo, o mordomo da duquesa de los Breños, o verdadeiro dodo da casa, na opinião de todos, porquanto, sem as suas ordens, nem uma única mosca se movia dentro daquele palácio.

D. Gonçalo, parando a certa distância de Carmencita, mirou-a de alto abaixo e perguntou-lhe, secamente:

—Que deseja daqui?

—Procuro a senhora duquesinha.

—Para quê?

—Preciso de falar-lhe.

—Para quê, volto a perguntar-lhe?

—Senhor, a história é grande e só interessa à senhora.

—O que tem a dizer-lhe, pode dizer-mo a mim!

—Pois bem: Venho trazer-lhe a senhora o filho que sem dúvida lhe roubaram.

(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

Reações Escolares

O Director Escolar do Distrito de Aveiro não concorda que as professoras se pinchem nos actos escolares e que os trages sejam femininos tanto para elas como para as alunas. Que a escola primária e até a secundária influem muito nos espíritos dessa camada ingénua da futura sociedade, é um facto incontestável, e desse prelúdio só se podem colher bons frutos quando os exemplos do contacto convençam o corpo docente que tudo quanto sabem e fazem aprenderam-na na escola que é finalmente o jardim da infância. Eis a grande responsabilidade que pesa sobre os «jardineiros» e «jardineiras» com quem todos contamos para segurar as traves da sociedade que já apresenta «figurinos» que dão razão para que em Aveiro se comece a reformar costumes ridicularizantes, sem que a escola, por tudo, possa ser responsabilizada.

CARNAVAL

Já cheira a carnaval. As máscaras que hão-de cobrir muitos rostos nos verdadeiros dias de homenagem ao Deus Momo, farrista por excelência, perfeitamente de acordo com os desejos de muita gente que não pode viver sem máscara, já se veem pendurados para serem escolhidos e colocadas nas carinhas de quem deseja fazer confidências secretas, dizer, muitas coisas que de outra forma não se diriam.

O Carnaval no Rio de Janeiro é igual mas apresenta-se diferente.

Já constitui festa nacional de interesse turístico. São quatro dias de verdadeira loucura.

Os brasileiros amam esses dias sem se esquecerem dos estragos que provoca a estonteante loucura que atinge todas as camadas sociais. Milhares de contos são gastos e o governo subemiona alguns clubes para se apresentarem com motivos que

possam definir o gosto artístico. Esse carnaval do Rio é também artístico e nem toda a gente se perde aos empurrões na avenida Rio Branco. Em Portugal como no Brasil essa data festiva não desaparece porque a juventude não deixa prescrever uma data comemorativa de uma história que terá de ser lembrada e festejada para que o Inferno, por alguns dias, deixe de ter almas que se perderam por usar máscaras para mostrarem o que queriam ser todos os dias que o ano conta.

— Por —

Elísio Gonçalves

Carracedo Amares

ANEDOTAS

Um bêbado vai para casa, mas não consegue ver as coisas, pois anda com a cabeça à roda.

Vê um polícia que passa junto dele naquele momento e então grita-lhe:

— Ó Sr. guarda! É capaz de segurar a casa enquanto me to a chave na fechadura?

* * *

O Joãozinho tem seis anos e vai à Maternidade, com o pai, ver o irmão que nasceu há alguns dias. No braço do recém-nascido, estava, como é costume, uma chapa de identificação com o nome, o peso e a hora do nascimento. O Joãozinho olhou tudo muito bem e depois voltando-se para o pai exclamou:

— Olha, paizinho, esqueceram-se de lhe tirar o preço!

* * *

Caladinho exclama o cadáver de um parente que morreu no hospital.

— Tem algum sinal particular? — perguntam-lhe.

— Tem, sim Senhor. O meu parente é gago...

* * *

— Bom dia minha Senhora — diz o médico. A Senhora tirou a temperatura ao seu marido, conforme lhe disse?

— Sim, Senhor Doutor, pus-lhe o barómetro no peito; como dizia muito «seco» comprei-lhe 3 cervejas e ele já voltou para o emprego.

Ludovina Pontes

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Hoje, a sra. D. Teresa de Jesus da Costa e o sr. António Tinoco Paredes.

Amanhã, 25, o nosso estimado assinante sr. António de Barros Azevedo, ausente com sua esposa e filhinhos em França.

No dia 26, o menino Alberto da Cunha Vitoriano.

No dia 28 os manos João Gonçalves e Francisco Gonçalves, D. Maria de Fátima D. Almeida C. de Abreu e o sr. Francisco Gomes Cerqueira nosso colaborador e assinante.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes que passem um dia feliz e que esta data se repita por muitos anos.

ANIVERSÁRIO

Manuel A. Gonçalves de Jesus

Na passada segunda-feira, dia 19, passou mais um aniversário natalício o nosso jovem assinante sr. Manuel A. Gonçalves de Jesus, filho do nosso particular amigo sr. Augusto Vitoriano.

Funcionário do Restaurante «Os Arcos» em Paço d'Arcos, Lisboa, ele quis vir passar o aniversário com seus Pais e restante família havendo por esse motivo festa rija a que se associaram muitos amigos.

Felicitemos o Manuel e desejamos-lhe muitas felicidades e um futuro promissor e que nos visite mais vezes já que agora possui meio de transporte que lhe facilitará mais visitas aos seus familiares e amigos.

Parabéns

EM FARO

Duas sepulturas, uma das quais coberta com uma laje, foram descobertas numa quinta do lugar de Alfarrobeira, perto de Moncarapacho, no Algarve, quando se procedia a escavações para a construção de instalações agrícolas. Junto à cabeceira das sepulturas encontravam-se duas pequenas ânforas de barro.

FUTEBOL

Campeonato Regional da II Divisão

ARCO DE BAULHE 2 - AMARES, 3

Vitória justa em tarde de pouca inspiração

Deslocou-se no passado domingo ao Arco de Baulhe a nossa equipe de futebol, para ali defrontar o clube local, em jogo a contar para o campeonato da II divisão da A. F. de Braga.

Jogando bastante abaixo do seu normal, os nossos representantes acabaram por vencer com inteira justiça, embora pela diferença mínima quando estava ao seu alcance um resultado mais volumoso. O nosso adversário que ocupa o último lugar da classificação geral, justificou a sua posição de lanterna vermelha. Na verdade, de todas as equipas que já vimos actuar, esta pareceu-nos a mais frágil. Tornando-se no entanto difícil no seu ambiente pela dureza que põe na luta chegando mesmo a ultrapassar os limites. preocuparam-se os homens do Arco de Baulhe em jogar ao homem e não à bola o que levou alguns dos nossos jogadores, sobretudo os menos experientes a retraírem-se para evitar serem atingidos com gravidade. Este factor, aliado à pouca inspiração de alguns atletas, pesou bastante no fraco rendimento do nosso conjunto que acabou, todavia por merecer a vitória que nunca esteve em dúvida. Vencemos o jogo amealhando mais dois pontos.

Mais vale jogar mal e vencer do que perder jogando bem. Fomos ao Arco de Baulhe lutar pelos 2 pontos e conseguimos os nossos intentos. Nem sempre é possível juntar o útil ao agradável. Vamos ter agora 2 jogos em casa. Se vencermos estas partidas poderemos terminar a primeira volta em boa posição na tabela. A prova está longe do seu termo e muita coisa poderá ainda acontecer.

A nossa equipe que ainda não pode contar com M. António e Quim que terminaram simultaneamente os seus castigos apresentam no Arco de Baulhe a mesma constituição que à oito dias tinha vencido brilhantemente o Moreirense e que foi a seguinte:

Leandro; Veloso, Janela, Gonçalves, e Dr. Janela; Fronteira e Cardoso; Jorge, Evangelino, Zé João e Carneiro.

Marcaram: Evangelino que realizou excelente exibição 2 e Jorge.

PRÓXIMA JORNADA

A. BAULHE—PALMEIRAS
VILAVERDENSE—SEQUEIRENSE
NINENSE—CELEIRÓS
FERREIRENSE—RONFE
TADIM—MOREIRENSE
AMARES—OLIVEIRENSE

CLASSIFICAÇÃO

	J.	V.	E.	D.	F.	C.	P.
MOREIRENSE	8	6	1	1	20	4	13
VILAVERD.	8	5	1	2	13	8	11
PALMEIRAS	8	5	0	3	14	8	10
TADIM	8	3	4	1	8	10	10
SEQUEIRENSE	8	1	7	0	5	4	9
NINENSE	8	3	3	2	14	12	9
CELEIRÓS	8	4	1	3	10	12	9
AMARES	8	4	0	4	11	13	8
FERREIRENSE	8	2	3	3	13	17	7
OLIVEIRENSE	8	2	1	5	7	12	5
RONFE	8	1	1	6	5	11	3
A. BAULHE	8	1	0	7	8	21	2

TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos até à quarta-feira.

A Redacção

BOATEIROS

Com a devida vênia transcrevemos de «O Comércio do Porto» o apontamento que segue:

O boato é, sem dúvida, a mais perfeita manifestação de canalhice, quando não a prova segura e certa da tendência criminosa do boateiro.

Poucos são—honra lhes seja feita—aqueles que, senhores de uma consciência que os mantém ao nível dos homens honrados, não cedem ao aviltamento que representa a propagação do boato.

Mas são em número incalculável os acanalhados e peçolhentos indivíduos, de índole repelente, que se entretêm, escrevendo ou falando, a lançar ou a propalar boatos, sujando, com a sua nojenta baba, tantas vezes criada pela inveja ou pela maldade, instituições respeitáveis cujo passado é garantia de seriedade e honestidade, entidades de intangível honestidade e apurmo, ou pessoas que pautam a sua vida pelo caminho da rectidão que os boateiros não trilham nem conhecem.

E não se diga que o boato, por ser como é, simplesmente, o produto de doências mentais, não é prejudicial ou não tem importância.

Atente-se que, normalmente, o asqueroso boateiro usa os modos e a veemência das pessoas conscientes e de bem, para se fazer acreditar.

Não usam, os boateiros, pôr reservas naquilo que ouvirem e repetem, como papagaios que desconhecem o sentido das palavras, antes costumam acrescentar, de sua conta, uns tantos pormenores que ajudarão à credibilidade da patranha a impingir, no gosto sádico dos reles que já se contentam, à falta de qualquer outra virtude ou valor, em saber que alguns acreditam neles.

Baixos de sentimentos, como toupeiras vivendo sob a terra, incapazes de se mostrarem à luz do dia e da honra, certos como estão de que algum cacete justiceiro lhes cairia em cima, os inventores acéfalos dos boatos escondem-se, como rafeiros medrosos e cobardes, no refúgio cómodo do «ouvi dizer», ou mesmo do «diz-se para aí», sem consciência alguma do que dizem, tentando, assim, mostrar conhecimentos que não têm, julgando—pobres deles—que alguém consciente e sério os toma em conta ou lhes dá guarida.

Assim, no entanto, vão os boateiros, fauna indesejável e moralmente aprobeada no seio duma sociedade, destruindo ou tentando destruir reputações, sempre criando problemas sérios no seio de famílias, quantas vezes fazendo ruir a estrutura sagrada de tantos lares, lançando torpes insinuações sobre pessoas sérias e dignas, abalando prestígios obtidos através de uma vida de trabalho sério e honesto, que devia merecer-lhes respeito, se alguma espécie de raciocínio lúcido fosse possível esperar-se da mentalidade embotada do repelente boateiro.

«Atirar a pedra e esconder a mão» é o hábito covarde do boateiro, ser abjecto tantas vezes colocado em posição social imerecida, a que o guindaram os favoritos da sorte ou a indignidade do sabujo.

O boato, quase sempre mal intencionado, representa sempre, neste caso, um latrocínio, tanto mais miserável quanto é certo que raras vezes expõe o seu autor aos riscos inerentes à sua criminosa actuação.

Se nos habituássemos, todos quantos pretendemos viver uma vida digna, a exigir daqueles que nos vêm «dar a novidade», a prova iniludível da afirmação, ou, até, a fonte onde beberam a «verdade» afirmada, o boato não correria como fogo destruidor, a queimar valores irrecuperáveis, a tornar mais pobre uma sociedade tão carecida e, ao mesmo tempo, tão generosa, que até consentem a existência dos boateiros e os aceita como se fossem homens feitos e não garotos turbulentos e irresponsáveis.

Marcello Caetano e a Portugalidade

(Continuado da 1.ª página)

importa. Nós queremos levar por diante a obra encetada, a obra de apoio à gente do trabalho e da sua dignificação e promoção, dentro de um clima de paz e de entendimento de classes».

A obra prossegue, porque Portugal inteiro cerrou fileiras em volta Sr. Presidente do Conselho. Marcelo Caetano é criador fecundo duma nova e remoçada portugalidade.

J. G. Braz

5.ª COLUMNA

(Continuado da 1.ª página)

dos que estamos a ver e ouvir.

Já que estamos a apontar defeitos de locução, outros há imbuídos nos locutores portugueses da TV. Então o Leitor não quer saber? Aparecem disparates—neste caso de dicção—tal erros de ortografia. Ora aprecie:

«Realizou-se a festa de Santa Epifânia», em lugar de Santa Epifânea.

Mas há mais. Por exemplo: Todo o mundo conhece Leonardo da Vinci. Pois é prosaico, por parte do locutor da TV, dizer «Leonardo de Vinci».

E eu, Leitor, vejo televisão de vez em quando; que faria se visse e ouvisse com assiduidade...

Aparece um locutor que fala do Laos, agora na berra, e chama-lhe Laós. Os outros dizem Laos. Como fica o público perante estes dispaúterios?

Eu dizia, mas o Leitor dirá.

EME ABRIL

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Brasil	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00
Estrangeiro e Províncias Ultramarinas	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

Tempos Livres de Emigração

Vivem em Tours, populosa cidade francesa, numerosos portugueses. Há muito que, entre eles, corria a ideia da construção de um edifício destinado à sede do Centro Português de Tours.

Impossível?

Os Portugueses são dos que seguem o lema «deixá-lo ser impossível, mas faça-se».

Assim, lançaram mãos à obra. Os trabalhos começaram no dia 1 de Julho último, na Rua de Marie et Pierre Curie, em Saint Symphorien, Tours.

Pois no passado dia 17 de Dezembro concluiu-se a cobertura do telhado, diz o jornal «A Época».

Foram cinquenta dias de trabalho em que colaboraram benévolaemente algumas dezenas de portugueses, aos sábados e domingos, o que representou 694 dias de trabalho.

Fazendo os cálculos, chega-se a uma contribuição de mão-de-obra de, mais ou menos, 41 640 francos.

Houve alguns portugueses que contribuíram com mais de 30 dias de trabalho, sendo a média de 14 por dia de trabalho.

A comissão fundadora e os que foram mais assíduos contribuíram com 70 por cento do trabalho.

Houve pelo menos 36 que trabalharam mais de 5 dias, divididos pela terraplanagem do terreno, fundações e elevação das paredes, montagem do madeiramento do telhado e colocação das ardósias que o cobrem.

Para comemorar o acontecimento, o cônsul de Portugal em Tours, Dr. Jorge Nemésio, reuniu em franca confraternização, no próprio local da obra, todos quantos nela têm colaborado: técnicos e operários.

Uma merenda, tipicamente portuguesa, foi protexto para a evocação dos sacrifícios feitos por cada um. A perspectiva do que será o Centro, a partir da sua inauguração, prevista para Junho próximo, foi tema de discursos. Falaram os srs. Luciano Pereira Lopes, Américo Ferreira e Agostinho Ferreira Barreto.

Todos salientaram a utilidade do Centro, reconheceram o interesse dispensado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros Português, do Município de Tours, do Secretariado Nacional da Emigração e de outras entidades.

Agradeceram aos que, como eles, têm trabalhado gratuitamente na construção do edifício, e felicitaram-se por, no género, ser esta a primeira casa construída por portugueses, para nela ser instalado um centro onde será proporcionado o ensino da língua portuguesa. Será criada uma biblioteca, haverá uma sala de espectáculos, etc., o que se traduz por um elo importante entre os portugueses instalados na região de Tours e a Mãe-Pátria.

Telefones para serviços DE URGÊNCIA

Gasa de Saúde de Amares	62122
Farmácia Pinheiro Manso	62127
Guarda Nacional Republicana	62115
Farmácia Marques Rêgo	62121
Doutor Eduardo Gonçalves (Médico)	62145
Doutor José Fernandes Médico Amares	62122
Doutor João de Sousa Fernandes (Médico B. S.ta Maria)	66133

EM BRAGA

PREFIRA

RESTAURANTE AVENIDA

DE

Eugénia Ferreira de Oliveira Machado

Manuel Gomes Machado

Almoços, Jantares, Serviço de Casamento

e à Lista

Avenida Central, 131—Telefone 24357—Braga

RETIRO DOS PACATOS

Feira Nova — Largo da Capela

VINHO E PETISCOS

Vinho Branco Verde, adquirido nas adegas mais famosas do concelho

Se gosta de apreciar os melhores pingatos vá ao Retiro dos Pacatos (antiga casa de José Manuel Martins)

LARGO DA CAPELA - Feira Nova - AMARES